



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE FISIOTERAPIA

Nayara Alves Pagel

REPERCUSSÃO DO ASSÉDIO SEXUAL NA SAÚDE DA MULHER

GOIÂNIA

2020

Nayara Alves Pagel

REPERCUSSÃO DO ASSÉDIO SEXUAL NA SAÚDE DA MULHER

GOIÂNIA

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E SAÚDE
CURSO DE FISIOTERAPIA

AVALIAÇÃO ESCRITA

Título do trabalho: REPERCUSSÃO DO ASSÉDIO SEXUAL NA SAÚDE DA MULHER

Acadêmico (a): Nayara Alves Pagel

Orientador (a): Prof. Ms. Cristiane Leal de M. Silva Ferraz.

Data: ___/___/___

| AVALIAÇÃO ESCRITA (0 – 10) | | |
|-----------------------------------|--|--|
| Item | | |
| 1. | Título do trabalho – Deve expressar de forma clara o conteúdo do trabalho. | |
| 2. | Introdução – Considerações sobre a importância do tema, justificativa, conceituação, a partir de informações da literatura devidamente referenciadas. | |
| 3. | Objetivos – Descrição do que se pretendeu realizar com o trabalho, devendo haver metodologia, resultados e conclusão para cada objetivo proposto | |
| 4. | Metodologia* – Descrição detalhada dos materiais, métodos e técnicas utilizados na pesquisa, bem como da casuística e aspectos éticos, quando necessário | |
| 5. | Resultados – Descrição do que se obteve como resultado da aplicação da metodologia, pode estar junto com a discussão. | |
| 6. | Discussão**– Interpretação e análise dos dados encontrados, comparando-os com a literatura científica. | |

| | | |
|----------------------|---|--|
| 7. | Conclusão – síntese do trabalho, devendo responder a cada objetivo proposto. Pode apresentar sugestões, mas nunca aspectos que não foram estudados. | |
| 8. | Referência bibliográfica – Deve ser apresentada de acordo com as normas do curso. | |
| 9. | Apresentação do trabalho escrito – formatação segundo normas apresentadas no Manual de Normas do TCC | |
| 10. | Redação do trabalho – Deve ser clara e obedecer as normas da língua portuguesa | |
| Total | | |
| Média (Total /10) | | |

Assinatura do examinador: _____

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E SAÚDE
CURSO DE FISIOTERAPIA**

FICHA DE AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL

| ITENS PARA AVALIAÇÃO | VALOR | NOTA |
|--------------------------------------|-------|------|
| Quanto aos Recursos | | |
| 1. Estética | 1,5 | |
| 2. Legibilidade | 1,0 | |
| 3. Estrutura e Sequência do Trabalho | 1,5 | |
| Quanto ao Apresentador: | | |
| 4. Capacidade de Exposição | 1,5 | |

| | | |
|--|-----|--|
| 5. Clareza e objetividade na comunicação | 1,0 | |
| 6. Postura na Apresentação | 1,0 | |
| 7. Domínio do assunto | 1,5 | |
| 8. Utilização do tempo | 1,0 | |
| Total | | |
| | | |

Avaliador: _____

Data: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida que confiou e me capacitou para esta missão. Aos meus pais Valcilei Pagel e Raquel Alves Ricardo Pagel pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações. A minha prima/irmã Sara Storari Dias pela amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei. A minha professora orientadora Cristiane Leal pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo. A minha amiga Vanuccy Lacerda de Moraes Carneiro que compartilhou dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo. E a minha Amiga Joyce Gabriela Lima Santos que sempre que precisei esteve comigo me apoiando. Também quero agradecer à Pontifícia Universidade Católica e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------|----|
| 1.RESUMO..... | 04 |
| 2. PALAVRA CHAVE..... | 04 |
| 3. ABSTRACT..... | 04 |
| 4. INTRODUÇÃO..... | 05 |
| 5. METODOLOGIA..... | 07 |
| 6 RESULTADOS..... | 08 |
| 7 DISCUSSÃO..... | 12 |
| 8 CONCLUSÃO..... | 15 |
| 9 REFERÊNCIAS..... | 16 |

RESUMO

Objetivo: Identificar o perfil das mulheres usuárias de redes sociais que sofreram assédio sexual no trabalho e os efeitos desta violência na saúde da mulher. **Metodologia:** participaram do estudo 98 mulheres, utilizando-se a rede mundial de computadores para a coleta de dados. As participantes responderam o questionário adaptado de Fonseca (2017), composto de 2 etapas: a primeira relacionada aos dados sociodemográficos das participantes e a segunda contendo um questionário que aborda questões sobre o assédio sexual. Para analisar a correlação entre assédio sexual e condições de saúde, foi elaborado um escore com valor de 0 a 10, sendo 0 a menor correlação e 10 a maior correlação. **Resultados:** A média de idade das participantes do estudo foi de 25 anos, sendo que 67,3% das entrevistadas declararam ter sofrido assédio sexual. Os dados relativos aos impactos do assédio sexual no ambiente de trabalho e na saúde da mulher foram calculados de acordo com a média dos escores obtidos e os resultados comparados com o perfil sociodemográfico das mulheres que já sofreram assédio sexual. **Conclusão:** Mulheres vítimas de assédio sexual, muitas vezes, não conseguem associar a violência sofrida com suas repercussões na saúde e podem ter as consequências em sua saúde perpetuadas pela dificuldade em romper com a violência, seja por meio da mudança de trabalho, seja pela denúncia do assédio sexual.

Palavras Chave: Assédio Sexual; Mulheres; Trabalho.

ABSTRACT: Objective: To identify the profile of women users of social networks who suffered sexual harassment at work and the effects of this violence on women's health. Methodology: 98 women participated in the study, using the world wide web for data collection. The participants answered the questionnaire adapted from Fonseca (2017), composed of 2 stages: the first related to the participants' sociodemographic data and the second containing a questionnaire that addresses questions about sexual harassment. To analyze the correlation between sexual harassment and health conditions, a score ranging from 0 to 10 was developed, with 0 being the lowest correlation and 10 the highest correlation. Results: The average age of the study participants was 25 years, with 67.3% of the interviewees reporting having suffered sexual harassment. Data on the impacts of sexual

harassment on the workplace and on women's health were calculated according to the average of the scores obtained and the results compared with the sociodemographic profile of women who have already suffered sexual harassment. Conclusion: Women victims of sexual harassment are often unable to associate the violence suffered with its repercussions on health and may have the consequences on their health perpetuated by the difficulty in breaking with the violence, either through the change of work, or through the complaint sexual harassment.

INTRODUÇÃO

A inserção das mulheres brasileiras no mercado formal de trabalho, processo que se intensificou na década de 1970, se deu de forma instável, sujeita a muitos percalços, posto que, considerada uma força de trabalho secundária, como uma forma de complemento ao trabalho masculino, este sim, visto como provedor e chefe de família (MORAIS, 2009).

Apesar das muitas transformações pelas quais tem passado o trabalho feminino, se compararmos a presença das mulheres no mercado de trabalho atual com a do início do século XX, por exemplo, onde era, em certa medida, incomum e algo relegado principalmente às mulheres de classes sociais desfavorecidas, percebe-se que o trabalho feminino ainda encontra diversos obstáculos ao seu pleno desenvolvimento, os quais perpassam as esferas culturais, religiosas, políticas e econômicas (LIMA, 2017). Um desses obstáculos é o assédio sexual, responsável pelo adoecimento físico e mental da mulher submetida a este tipo de violência, além de prejuízos imensuráveis em sua carreira. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), 52% das mulheres economicamente ativas já sofreram assédio sexual no ambiente de trabalho. (TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO)

O Código Penal define, em seu art. 216-A, assédio sexual como sendo “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerente ao exercício de emprego, cargo ou função”. (Incluído pela Lei nº 10.224, de 15 de 2001). A pena prevista para este tipo penal é de detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos (Incluído pela Lei nº 10.224, de 15 de 2001).

Importante salientar que, o assédio sexual, enquanto crime tipificado no Código Penal,

também pode ser combatido na Justiça do Trabalho, uma vez que, ocorre no ambiente laboral. É fundamental destacar que, para ser caracterizado assédio sexual, faz-se necessário um pedido de favores sexuais sob diversos modos, seja de maneira direta ou indireta, verbal ou não verbal, sob pena de oferta de vantagens no caso de aceitação, ou algum tipo de ameaça, em casos de recusa. Isto é, o assédio só se configura nos casos em que há o uso do poder como forma de obter favores libidinosos e há resistência por parte da vítima (COUTINHO, 2015).

De acordo Fonseca (2018), o Ministério do Trabalho e Emprego por meio da Cartilha Assédio Moral e Sexual no Trabalho aborda que “as relações de poder resultantes da hierarquia nas organizações influenciam na existência e manutenção do assédio devido à subordinação”, destacando não só a importância de denunciar o assediador como também a necessidade de provas que apoiem a vítima na denúncia.

A dificuldade em se provar o assédio sexual é um dos motivos que inibem as mulheres à denunciarem este tipo de crime. Da mesma forma, as vítimas de assédio sexual hesitam em denunciar pelo temor de serem punidas ou perderem o emprego.

Mesmo na atualidade, assuntos relacionados ao assédio sexual sofrido por trabalhadoras nem sempre são temas discutidos dentro das organizações. O contexto e a forma como este crime acontece, faz com que as estratégias de prevenção e intervenção se tornem difíceis de serem colocadas em prática, facilitando a impunidade dos assediadores (FONSECA, 2018).

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, da qual o Brasil é signatário, reconhece expressamente que a violência é um fenômeno que afeta todas as esferas de vida da mulher - familiar, profissional e social - devendo a mesma ser tutelada e resguardada pelo ordenamento jurídico constitucional (COUTINHO, 2015).

Sendo o assédio sexual uma forma de violência sexual, torna-se de extrema importância debater e analisar suas intersecções, a fim de melhor compreender este crime (SILVA, 2018). Isto porque, as consequências do assédio sexual são diversas e repercutem negativamente na vida da mulher, trazendo impacto socioeconômico e danos à saúde física e/ou psicológica (FONSECA 2017).

Neste sentido, o assédio sexual é psicológica e emocionalmente perturbador para as vítimas. É sentido como uma perda de dignidade e de confiança dos outros, provoca depressão e comportamentos autodestrutivos, gera sentimentos de desânimo e de abandono, afetando a saúde da mulher de uma forma geral. Essas mulheres reclamam frequentemente de dores de cabeça, náuseas, cansaço, distúrbios alimentares e inibição sexual. Além disso, quando o

assédio sexual e prolongado muitos desses efeitos podem se tornar crônicos, podendo levar ao isolamento social, diminuir a motivação para o trabalho e a própria qualidade do desempenho profissional (DIAS, 2008).

É difícil avaliar a totalidade dos efeitos que o assédio sexual pode ter na vida das mulheres vítimas dessa experiência. Contudo, é inegável que aquelas que são alvo desse tipo de violência reportam efeitos negativos em sua condição física e emocional, além de perda da autoestima e confiança. Revelam, ainda, uma maior predisposição para reações emocionais que incluem depressão, medo, ansiedade, irritabilidade, sentimentos de humilhação e de vulnerabilidade (DIAS, 2008).

Desta forma, o objetivo do estudo foi identificar o perfil das mulheres usuárias de redes sociais que sofreram assédio sexual e os efeitos desta violência na saúde da mulher.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, prospectivo e transversal, no qual, participaram 101 mulheres. A coleta de dados foi realizada no período de maio a junho de 2020, pela rede mundial de computadores, visando um maior alcance de participantes, bem como, para obter uma maior diversidade de representantes do meio feminino. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás (CAAE nº 30530820.6.0000.0037).

Os critérios de inclusão estabelecidos para a pesquisa foram: ser mulher, com idade igual ou superior a 18 anos e ter aceito participar da pesquisa, concordando com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Os critérios de exclusão foram: questionários incompletos, situações nas quais as pesquisadoras identificaram fraude ou irregularidades no preenchimento do questionário, bem como, o não consentimento por meio do TCLE. Cabe ressaltar que, não houve casos de exclusão no presente estudo.

Utilizou-se para a coleta dos dados o questionário adaptado de Fonseca (2017), composto de 2 etapas: a primeira relacionada aos dados sociodemográficos das participantes e a segunda contendo um questionário que aborda questões sobre o assédio sexual. Para analisar a correlação entre assédio sexual, impacto no trabalho e condições de saúde, foi elaborado um escore com valor de 0 a 10, sendo 0 a menor correlação e 10 a maior correlação. Para o estudo comparativo, obteve-se a média do escore de acordo com o impacto no ambiente de trabalho e nas condições de saúde.

Os dados foram analisados com o auxílio do pacote estatístico SPSS versão 26. A comparação da idade das mulheres que já sofreram ou não assédio sexual foi feita aplicando-se o teste de Mann-Whitney. A caracterização do perfil sociodemográfico de acordo com a descrição de assédio sexual foi realizada por meio de tabela de contingência aplicando-se o teste do Qui-quadrado de Pearson. As variáveis categóricas foram apresentadas por meio de frequência absoluta (n) e frequência relativa (%), e as variáveis contínuas por meio de média, desvio padrão, mediana e intervalo interquartil. A correlação entre a idade com a dimensão do impacto no ambiente de trabalho, impacto na saúde e escore geral foi feito por meio da correlação de *Spearman*. A comparação das dimensões do impacto no ambiente de trabalho e na saúde com o perfil sociodemográfico das mulheres vítimas de assédio sexual foi realizado por meio dos testes de Mann-Whitney, Kruskal-Wallis seguido da análise *Posthoc* de Nemenyi. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS

A média de idade das participantes do estudo foi de 25 anos. De acordo com a Tabela 1, 67,3% das entrevistadas declararam ter sofrido assédio sexual. Destas, a maioria se autoidentificou como parda (59,1%), solteira (69,7%), com ensino superior - completo ou cursando - (89,4 %) e renda de entre 2 a 3 salários (74,2%). A maioria das entrevistadas eram estudantes (45,5%).

Tabela 1. Caracterização do perfil sociodemográfico das mulheres de acordo com a descrição de assédio sexual.

| | Você já sofreu assédio sexual n (%) | | Total | p* |
|----------------------|-------------------------------------|-----------|-------|----|
| | Não | Sim | | |
| Cidade em que reside | 32 (32,7) | 66 (67,3) | | |

| | | | | |
|------------------------|-----------|-----------|-----------|------|
| Aparecida de Goiânia | 4 (12,5) | 7 (10,6) | 11 (11,2) | |
| Espigão do Oeste | 6 (18,8) | 11 (16,7) | 17 (17,3) | |
| Goiânia | 9 (28,1) | 26 (39,4) | 35 (35,7) | 0,75 |
| Outras | 13 (40,6) | 22 (33,3) | 35 (35,7) | |
| Cor/Raça | | | | |
| Branca | 12 (37,5) | 24 (36,4) | 36 (36,7) | |
| Negra | 1 (3,1) | 3 (4,5) | 4 (4,1) | 0,94 |
| Parda | 19 (59,4) | 39 (59,1) | 58 (59,2) | |
| Escolaridade | | | | |
| Ensino médio | 9 (28,1) | 7 (10,6) | 16 (16,3) | |
| Ensino superior | 23 (71,9) | 59 (89,4) | 82 (83,7) | 0,02 |
| Renda familiar | | | | |
| 2 a 3 salário mínimo | 19 (59,4) | 49 (74,2) | 68 (69,4) | |
| Atá um salário mínimo | 11 (34,4) | 11 (16,7) | 22 (22,4) | |
| Mais que 4 salários | 1 (3,1) | 4 (6,1) | 5 (5,1) | 0,25 |
| Outro valor | 1 (3,1) | 2 (3,0) | 3 (3,1) | |
| Estado civil | | | | |
| Casada | 9 (28,1) | 15 (22,7) | 24 (24,5) | |
| Divorciada | 1 (3,1) | 3 (4,5) | 4 (4,1) | |
| Solteira | 22 (68,8) | 46 (69,7) | 68 (69,4) | 0,72 |
| Outros | 0 (0,0) | 2 (3,0) | 2 (2,0) | |
| Profissão | | | | |
| Estudante | 13 (40,6) | 30 (45,5) | 43 (43,9) | |
| Não empregada | 5 (15,6) | 2 (3,0) | 7 (7,1) | |
| Professora | 1 (3,1) | 3 (4,5) | 4 (4,1) | 0,06 |
| Profissionais da saúde | 1 (3,1) | 13 (19,7) | 14 (14,3) | |
| Profissionais liberais | 7 (21,9) | 9 (13,6) | 16 (16,3) | |

| | | | |
|--------------------------|----------|---------|---------|
| Serviços administrativos | 4 (12,5) | 5 (7,6) | 9 (9,2) |
| Outras | 1 (3,1) | 4 (6,1) | 5 (5,1) |

*Qui-quadrado de Pearson; frequência absoluta (frequência relativa)

A Tabela 2 apresenta os dados relativos aos impactos do assédio sexual no ambiente de trabalho e na saúde da mulher, calculados de acordo com a média dos escores obtidos. Em relação ao ambiente de trabalho, destacaram-se como forma de assédio sexual o uso de termos obscenos (7,21) e o contato físico acidental (7,53). A repercussão na vida profissional das entrevistadas consistiu em ser obrigada a deixar o emprego (3,74), ter que trocar de setor (2,42), se sentir impotente profissionalmente (3,71) e ter o rendimento de suas atividades diminuído (3,45). Quanto ao impacto na saúde, destacou-se o surgimento de quadros de ansiedade e medo (5,44), relacionamento afetivo prejudicado (4,29), depressão (3,79) e dores de cabeça frequentes (3,17).

Tabela 2. Caracterização do questionário de assédio sexual.

| | Média | Desvio padrão | Mediana | Intervalo interquartil | |
|--|-------|---------------|---------|------------------------|-------|
| | | | | 25p | 75p |
| Impacto no ambiente de trabalho | | | | | |
| Termos obscenos | 7,21 | 2,60 | 8,00 | 5,00 | 10,00 |
| Propôs benefícios por contato sexual | 5,55 | 3,61 | 6,00 | 1,75 | 10,00 |
| Comentário de cunho sexual | 6,58 | 3,50 | 8,00 | 3,00 | 10,00 |
| Contato físico acidental | 7,53 | 3,26 | 9,50 | 6,00 | 10,00 |
| Contato físico | 6,00 | 3,58 | 6,00 | 2,00 | 10,00 |
| Ambiente sensualizado | 6,30 | 3,49 | 7,00 | 2,75 | 10,00 |
| Proposta de cunho sexual | 5,74 | 3,35 | 6,00 | 2,50 | 9,25 |
| Sofri assédio por superiores | 4,61 | 3,85 | 3,50 | 1,00 | 9,00 |
| A instituição coibi assédio sexual | 4,42 | 3,57 | 3,50 | 1,00 | 8,00 |
| Deixar o emprego | 3,74 | 3,62 | 1,00 | 1,00 | 7,00 |

| | | | | | |
|------------------------------------|------|------|------|------|------|
| Trocar de setor | 2,42 | 3,13 | 1,00 | 1,00 | 1,00 |
| Impotente profissionalmente | 3,71 | 3,49 | 1,00 | 1,00 | 7,00 |
| Rendimento diminuiu | 3,45 | 3,35 | 1,00 | 1,00 | 5,50 |
| Impacto na saúde | | | | | |
| Quadro depressivo | 3,79 | 3,34 | 2,00 | 1,00 | 6,00 |
| Problemas de saúde | 3,08 | 3,21 | 1,00 | 1,00 | 5,00 |
| Relacionamento afetivo prejudicado | 4,29 | 3,52 | 3,00 | 1,00 | 8,00 |
| Quadro de ansiedade e medo | 5,44 | 3,51 | 5,00 | 1,00 | 9,00 |
| Problemas cardíacos | 2,06 | 2,54 | 1,00 | 1,00 | 1,00 |
| Problemas alérgicos | 2,55 | 3,10 | 1,00 | 1,00 | 2,00 |
| Problemas respiratórios | 2,29 | 2,59 | 1,00 | 1,00 | 2,25 |
| Dores de cabeça frequentes | 3,17 | 3,49 | 1,00 | 1,00 | 5,00 |
| Dores no corpo sem razão | 2,94 | 3,24 | 1,00 | 1,00 | 5,00 |
| Maior dificuldade de aprendizado | 2,71 | 2,96 | 1,00 | 1,00 | 4,00 |
| Pressão alta | 1,73 | 2,15 | 1,00 | 1,00 | 1,00 |
| Colesterol alto | 1,45 | 1,57 | 1,00 | 1,00 | 1,00 |

A Tabela 3 apresenta o resultado da comparação dos escores do impacto no ambiente de trabalho e na saúde com o perfil sociodemográfico das mulheres que já sofreram assédio sexual. Os resultados obtidos em relação ao impacto no ambiente de trabalho as mulheres divorciadas apresentaram uma média de (8,41). As que declararam estar exercendo outras profissões (8,17) e as profissionais liberais (7,00). Em relação ao nível de escolaridade manteve uma média equivalente, as que possuem nível superior apresentou uma média de (5,11) e as que possuem o ensino médio (5,69). As que declaram ter renda familiar mais de 4 salários são de (6,88) e as que recebem de dois a três salários (5,25). Em relação a cor/raça (6,18) das mulheres que se declaram branca. Os resultados obtidos em relação ao impacto na saúde as mulheres divorciadas apresentaram uma média de (3,19). As que trabalham em profissões diferentes das que foram citadas na pesquisa (6,17) e as profissionais liberais (3,83). Quanto ao nível de escolaridade as que possuem nível superior apresentou uma média de (2,92) e as que possuem o ensino médio (3,29). A renda familiar declarada das que recebem mais de 4 salários são de (2,15) e as que recebem de dois a três salários (3,14). As mulheres que se declararam branca foi de (3,46).

Tabela 3. Resultado da comparação dos escores de impacto no ambiente de trabalho e na saúde com o perfil sociodemográfico das mulheres que já sofreram assédio sexual.

| | Impacto no ambiente de trabalho | Impacto na saúde | Escore Geral |
|--------------------------|---------------------------------|------------------|------------------|
| Cor/Raça** | p = 0,02 | p = 0,73 | p = 0,13 |
| Branca | 6,18 ± 2,50 | 3,46 ± 2,69 | 4,82 ± 2,42 |
| Negra | 3,49 ± 1,89 | 1,97 ± 0,84 | 2,73 ± 1,36 |
| Parda | 4,69 ± 1,82 | 2,72 ± 2,01 | 3,71 ± 1,60 |
| Escolaridade* | p = 0,67 | p = 0,98 | p = 0,99 |
| Ensino médio | 5,69 ± 3,06 | 3,29 ± 3,11 | 4,49 ± 3,02 |
| Ensino superior | 5,11 ± 2,12 | 2,92 ± 2,17 | 4,02 ± 1,87 |
| Renda familiar | p = 0,27 | p = 0,89 | p = 0,53 |
| 2 a 3 salario mínimo | 5,25 ± 2,16 | 3,14 ± 2,39 | 4,20 ± 2,03 |
| Ate um salario mínimo | 4,37 ± 2,26 | 2,60 ± 2,17 | 3,48 ± 2,10 |
| Mais que 4 salários | 6,88 ± 2,68 | 2,15 ± 0,90 | 4,52 ± 1,64 |
| Outro valor | 4,27 ± 1,25 | 2,13 ± 1,59 | 3,20 ± 1,42 |
| Profissão** | p = 0,004 | p = 0,02 | p = 0,007 |
| Estudante | 4,53 ± 1,92 | 2,59 ± 1,98 | 3,56 ± 1,67 |
| Não empregada | 3,23 ± 0,65 | 1,17 ± 0,24 | 2,20 ± 0,44 |
| Professora | 4,44 ± 3,82 | 1,17 ± 0,29 | 2,80 ± 1,85 |
| Profissionais da saúde | 4,66 ± 1,62 | 2,44 ± 1,43 | 3,55 ± 1,30 |
| Profissionais liberais | 7,00 ± 1,87† | 3,83 ± 2,49 | 5,42 ± 1,90† |
| Serviços administrativos | 5,94 ± 2,13 | 4,17 ± 2,42 | 5,05 ± 1,95† |
| Outras | 8,17 ± 1,89† | 6,17 ± 3,77† | 7,17 ± 2,80† |
| Estado civil** | p = 0,08 | p = 0,67 | p = 0,18 |
| Casada | 4,70 ± 2,35 | 2,57 ± 2,48 | 3,63 ± 2,27 |
| Divorciada | 8,41 ± 1,62 | 3,19 ± 2,91 | 5,80 ± 0,82 |

| | | | |
|----------|-------------|-------------|-------------|
| Solteira | 5,14 ± 2,03 | 3,06 ± 2,20 | 4,10 ± 1,89 |
| Outros | 4,77 ± 4,03 | 3,13 ± 3,01 | 3,95 ± 3,52 |

*Mann-Whitney; **Kruskal-Wallis; †Teste de Yemini

DISCUSSÃO

A média de idade das participantes foi de 25 anos. O perfil sociodemográfico das participantes que sofreram assédio sexual foi: se autoidentificaram como parda (59,1%), ser solteira (69,7%) e estar cursando ou ter concluído o ensino superior (89,4%). Esses resultados corroboram com Fukuda (2012) que diz que apesar da transformação que o mercado de trabalho vem passando com cada vez mais a mulher saindo de ser “somente dona de casa” ela ainda sofre, por mais que ocupem a maioria dos assentos nas universidades e que a média escolar seja maior, seu comportamento, trabalho e postura ainda são julgados. Em relação a situação econômica, a maioria (74,2%) possuía renda entre 2 a 3 salários mínimos e 45,5% eram estudantes.

Neste contexto, Andrade e Assis (2018, p. 11) afirmam que “a intolerância e a discriminação social no ambiente de trabalho afetam sobretudo os negros e pardos”. Os autores destacam que as mulheres pardas/negras são mais discriminadas, desempenham trabalhos precários e ganham menores salários, o que as tornam mais vulneráveis ao assédio sexual.

Um dado que merece destaque, no presente estudo, é o baixo escore (3,74) relativo à saída do emprego ou a mudança de setor (2,42) por parte das mulheres que sofreram assédio sexual. Mesmo diante da ameaça, desconforto e injustiças trazidas pelo crime sofrido, muitas mulheres permanecem nos seus empregos. Esse achado é corroborado por Andrade e Assis (2018, p.10), segundo os quais “a necessidade financeira para muitas mulheres pode ser um dos fatores para permanecerem no emprego, aguentando situações de violência no trabalho”.

No presente estudo, destacou-se o percentual significativo de estudantes (45,5%) que relataram ter sofrido assédio sexual, bem como, o maior percentual de mulheres com nível superior (89,4%). Para Andrade e Assis (2018, p.10), estudantes buscam manter seus empregos, ainda que precários, a fim de permitir a conclusão dos estudos e uma melhor

qualificação. Por outro lado, possuir um diploma de curso superior, não significa que a mulher estará menos vulnerável ao assédio sexual.

Em relação ao ambiente de trabalho, destacaram-se como forma de assédio sexual o uso de termos obscenos (7,21) e o contato físico acidental (7,53). Apesar de serem as formas que mais se destacaram neste estudo, restou claro que o assédio sexual assume as mais diversas formas, conforme bem pontuado por Lobianco, Andrade, Júnior e Prudêncio (2012):

O assédio sexual, por ser delito de execução livre, o constrangimento reprimido pelo tipo incriminador pode ser praticado através de palavras, gestos, escritos ou qualquer outro meio idôneo em que se vislumbre ato de insinuação sexual atentatório à liberdade sexual e à dignidade da pessoa assediada (p. 72)".

No presente estudo, algumas formas de assédio sexual mereceram destaque, quais sejam, os comentários de cunho sexual (6,58) e a proposta de benefícios para obtenção de vantagem sexual (5,5). Para Lobianco, Andrade, Júnior e Prudêncio (2012) com a intenção de obter favores sexuais, o assediador torna o ambiente de trabalho inseguro para a assediada. A mulher, por sua vez, não consegue romper com a violência, seja por medo de ser desacreditada, seja pela certeza da impunidade de seu agressor. (LOBIANCO, ANDRADE, JÚNIOR, PRUDÊNCIO,2012)

Quanto ao impacto do assédio sexual na saúde, destacou-se o surgimento de quadros de ansiedade e medo (5,44), relacionamento afetivo prejudicado (4,29), depressão (3,79) e dores de cabeça frequentes (3,17). Percebeu-se um baixo escore nas respostas obtidas no presente estudo, contudo, os sintomas relatados são semelhantes aos encontrados na literatura. Moreira (2002) afirmam que as mulheres que sofrem tal violência desenvolvem crises de pânico, medo, depressão perda de confiança e desencadeiam outras patologias. Neste sentido, Libianco, Andrade, Júnior, Prudêncio (2012) alertam que

não se pode ignorar os prejuízos concretos e externos na vida da vítima, pois que o sofrimento provoca alterações orgânicas e psíquicas como: stress, ansiedade, depressão, distúrbios do sono e alimentar, medo, angústia, etc. e assim efeitos concretos podem ser aferidos através de prova indireta, como a

presunção, indícios, quando a vítima não detém o meio de prova direto e lícito (p. 81).

Neste mesmo sentido, (MOREIRA, MOURA, SILVA, LEITE, MOTA, 2020) também dizem que:

As maiores vítimas do assédio moral, o surgimento de enxaquecas crônicas, distúrbios hormonais e mentais, como depressão ou transtorno de pânico, e isso, infelizmente, são bastante comuns. E para o assédio sexual temos que este também pode causar traumas psicológicos que podem ser altamente profundos.

Ademais, os resultados da pesquisa evidenciaram, também, que as mulheres com funções administrativas sofrem mais impactos na sua saúde pela violência sofrida (4,17). Considerando que, segundo Higa (2016), o número de mulheres em cargos de gerência e chefia é menor se comparado ao número de homens nessas ocupações, resta claro o maior percentual de mulheres ocupando funções administrativas, bem como, uma maior vulnerabilidade quando se trata de assédio sexual.

CONCLUSÃO

Conclui-se que, mulheres vítimas de assédio sexual, muitas vezes, não conseguem associar a violência sofrida com suas repercussões na saúde. Além disso, podem ter as consequências em sua saúde perpetuadas pela dificuldade em romper com a violência, seja por meio da mudança de trabalho, seja pela denúncia do assédio sexual.

Por fim, faz-se necessário mais estudos acerca desta temática, a fim de contribuir para o debate sobre estratégias e políticas públicas voltadas para coibir esse tipo de violência sexual e suas repercussões na saúde das mulheres assediadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cristiane Batista. ASSIS, Simone Gonçalves. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. 43:e11. 2018.

COUTINHO. Carolina Marjorie. **O Assédio Sexual nas Relações Trabalhistas: Suas Incidências e Perspectivas**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. 2015.

DIAS, I. **Violência Contra as Mulheres no Trabalho: O Caso do Assédio Sexual. Sociologia, problemas e práticas**. n.º 57, 2008, pp.11-23.

FONSECA, Dielly Débora Farias. **Assédio moral e assédio sexual: investigação sobre as formas de violência laboral baseadas nas relações de poder**. 2017. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, Ano de defesa. Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública.

FONSECA, T; et al. Assédio Sexual no Trabalho: Uma Revisão Sistemática de Literatura. **Ciências Psicológicas**. Montevideo, v.12, n. 1, p. 25-34, mayo 2018.

FUKUDA, Rachel Franzan. **Assédio Sexual: Uma releitura a partir das relações de gênero**. Revista **Simbiótica**, Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. v.ún., n.01. jun/2012.

HIGA, Flávio da Costa. Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda? **Revista Direito GV**. v.12, n.2. maio-ago/2016.

LIMA, Érica Cavalcante. **Assédio Sexual em uma Instituição de Ensino Superior: A Percepção das Servidoras da Universidade Federal do Ceará**. 2017. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

LOBIANCO, Eduardo Rodrigues Cruvinel. et al. Assédio Moral e Sexual nas Relações de Trabalho. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**. v.40, n.1.2012.

MORAIS, T.; Múrias, C., & Magalhães, M. J. (2009). Assédio sexual no trabalho: uma reflexão a partir de ordenamentos jurídicos. **International Journal on Working Conditions**. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=92563> Acessado em 15/10/2019.

MOREIRA, Thaís Borges. et al. **Assédio no âmbito dos estágios supervisionados: entre a sujeição e o aprendizado docente**. Revista Educar Mais. v.4. n 3. 2020. Disponível em <<http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1927>> Acesso em 23/11/2020.

SILVA, Luiza de Medeiros. **Assédio Sexual Contra Mulheres em Transporte Público: Das Passageiras à Empresa**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. Justiça do Trabalho. **Mulheres estão mais sujeitas ao assédio em todas as carreiras.** Disponível em <https://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/a-mulher-esta-mais-sujeita-ao-assedio-em-todas-as-carreiras>. Acesso em 15/10/2019.